

LES AVENTURIERS DU FROID: IMAGENS DA PISTA AMERINDIA NO CIBERESPAÇO

Sérgio Barbosa de Cerqueda

Inicio minhas palavras com um convite para uma viagem para longe, para as terras do Grande Norte da América, com sua natureza inóspita e seus habitantes milenares. Nossa jornada se descortina através da reconstrução imaginada de um espaço onde bancos de neve, geleiras e o frio do Ártico embalam a descoberta de um grupo social que conheceu, como tantos outros, o olhar de desprezo e a mão forte do colonizador explorando suas terras e mares gélidos. Um colonizador que foi obrigado a contar com a ajuda deste mesmo grupo que desprezara para o êxito na adaptação a uma natureza com seus rigores e contratempos.

Estamos no seio de comunidades autóctones, e, mais particularmente, perante os representantes atuais do povo inuit ocupantes do norte da província do Quebec no Canadá e distribuídos em várias comunidades com histórias e culturas diversas. Do século XVI ao século XIX, esse grupo étnico manteve, na sua maioria, um contato relativamente pacífico, nas terras da região do Nunavik, com o colonizador de origem européia: a enorme e constante resistência da natureza inóspita e traiçoeira assegurava para ambos uma relação baseada na troca de experiências. Entretanto, no início do século XX, o povo inuit passou a sofrer as conseqüências do crescente interesse comercial das grandes corporações comerciais pelos enormes recursos naturais desta parte do Canadá a começar pelas peles e pelo óleo de baleia.

Nossa viagem não se fará pelas páginas de um livro tradicional, espaço material de papel com uma capa, palavras alinhadas em linhas e páginas e fichas técnicas habituais. Trata-se aqui de uma viagem provocada pela materialização, através da leitura, de um espaço considerado virtual, aquilo que muitos podem vir a considerar um não-local: o da internet. Surfaremos pelas páginas de uma narrativa que pretende nos falar desses povos e objetiva nos fazer navegar pelos múltiplos

contatos desses primeiros habitantes do Ártico americano com aqueles que vieram explorar suas terras ancestrais.

Trata-se de desvelar as imagens e representações presentes na leitura do webromance *Les Aventuriers du froid*, presente na página intitulada La piste amérindienne ou The Native Trail (<http://www.autochtones.com>), com seus dois livros virtuais já disponíveis no ciberespaço, que nos permitirão atravessar milhares de quilômetros rumo ao outro pólo de nós mesmos, homens americanos de braços dados com o Pacífico e o Atlântico.

Descobrir, e lhes apresentar hoje, neste espaço-tempo presencial, um projeto que circula pelo ciberespaço, com o título de *Les Aventuriers du froid*, não se constitui unicamente como uma viagem virtual para a leitura de um outro e de suas relações com outros, i.e, das relações entre os povos inuit e os *kabloonaks*, os homens de origem européia. O contato entre os povos ameríndios, moradores do Ártico e os herdeiros da colonização européia aí estabelecida é também uma invocação para que nós, bem mais ao Sul, pensemos acerca de nossas relações com os diferentes grupos autóctones que já se constituíam, bem antes do século XVI, em sociedades e grupos com distintas formas de organização social no atual espaço brasileiro. Observar, portanto, a forma como os grupos étnicos minoritários são retratados nessas páginas nos permite estabelecer parâmetros de comparação com a veiculação que páginas similares elaboradas no Brasil fazem dos grupos étnicos autóctones que ocupam nosso território. Nisto residiria inclusive um trabalho de observação de como a inserção desses grupos ainda passa por sua exclusão uma vez que não lhes é dada diretamente a palavra ou as condições tecnológicas para que participem do processo cada vez maior de circulação de informações. Ao contrário, continuamos a falar por eles, reforçando assim todo um processo de exclusão que agora é também digital.

Podemos reconhecer a internet como um local de representação da existência de grupos que sempre conheceram o silêncio dos livros oficiais, preocupados muito mais em tecer o elogio de heróis desbravadores e conquistadores do que reconhecer a existência de grupos sociais que, muito antes, da chegada oficial de Colombo e de outros navegadores, já se deslocavam por terras americanas. Entretanto, devemos nos perguntar se esse ambiente plural proporcionado pela internet está realmente sendo partilhado por todos que aí estão representados. Em suma, trata-se de perguntar qual a real parcela da população que vem se beneficiando do avanço tecnológico das últimas décadas.

Les Aventuriers du froid é, assim, um deslocamento virtual provisório rumo ao outro lado de um mesmo continente. Desta forma, poderemos talvez retornar ao real do Sul mais aptos para o despertar de nossa atenção em relação a nossos indígenas que lutam há séculos pelo reconhecimento do pleno direito a participar da vida social de um país que ainda os destrata e humilha, assujeitando-os a uma categoria de sub-cidadãos de sua própria terra-mãe.

O presente texto se estrutura como um dos primeiros passos de uma pesquisa mais ampla sobre as formas de representação de grupos autóctones no ciberespaço. Esta pesquisa se efetua através da recolha e análise comparativa de páginas da internet dedicadas a esses grupos, elaboradas no Brasil e no Canadá. Ele integra o Projeto de Pesquisa intitulado Identidades, Cidadania e Mass Mídias, coordenado pela professora Ana Rosa Neves Ramos da Universidade Federal da Bahia.

Nossa pesquisa se efetua através da análise da circulação de algumas imagens de grupos étnicos autóctones brasileiros e canadenses na internet, com o levantamento de *sites* de organismos oficiais e de organizações da sociedade civil ligados ao tema. Temos procurado observar como se opera o resgate, a reprodução, a construção narrativa e a distribuição da riqueza simbólica e

material desses grupos presentes no ciberespaço, além de verificarmos qual a verdadeira voz que se faz ouvir nestas páginas e para quem ela se dirige.

Nosso levantamento, justifica-se por considerarmos o ciberespaço, na contemporaneidade, como mais um espaço de (re)definição das fronteiras culturais e das relações existentes entre concepções homogêneas de identidade e inscrições multiculturais, além de nos permitir observar as tensões surgidas com a oportunidade oferecida a grupos silenciados durante séculos de opressão pelo confronto entre uma inscrição simultaneamente local e global. Mas esta inserção não se faz de forma tranqüila, ela implica conseqüências e desvela estratégias particulares.

Neste sentido, visitar a página da Pista ameríndia, projeto de resgate de diversos aspectos das diferentes identidades autóctones que se distribuem pelo território do Canadá, nos faz observar como se dá a construção das imagens identitárias destes grupos, numa tentativa de integração de suas existências num conceito mais amplo de cidadania canadense e de respeito mútuo através da diversidade cultural.

A Pista Ameríndia é um *site* bilíngue (inglês e francês) que nos apresenta vários aspectos da cultura dos povos autóctones do Canadá: suas histórias, lendas, costumes, o papel dos diferentes atores sociais no seio de cada grupo, as diferentes formas de organização política e social, além de apresentar de forma atualizada, informações acerca das permanentes negociações dos diferentes estatutos das comunidades autóctones dentro da comunidade canadense, sobretudo, após os acontecimentos de 1990.

Nossa atenção, no presente texto, dirige-se para a presença, dentro do *site* da Pista Ameríndia, em um de seus *links*, de um texto que se quer ficcional e que se caracteriza como um webromance, com o título, em francês, de *Les Aventu riers du froid*.

Esta narrativa, de autoria de André Ouellet, com a colaboração de Linda Lanthier, ambos estudiosos e admiradores da cultura inuit, contrói-se nas relações entre os homens de raça branca, os *Kabloonaks*, e os inuit. A história do primeiro grupo, identificada com um arco e uma flecha projetada para a frente construindo um futuro linear, é confrontada com a história circular do segundo grupo, em que a tradição oral sempre se fez presente:

Des baleiniers, marchands, policiers et explorateurs du début du siècle dernier seront alors mis en parallèle avec la vie dans l'Arctique des années 2000. Aujourd'hui, l'igloo est construit au pied de l'antenne satellite, le ulu est placé à côté du micro-onde. Tout au nord du Québec, sur la rive sud du Détroit d'Hudson, dans la petite communauté inuit de Kangiqsujuaq, le passé s'accorde avec le présent. Les Aventuriers du froid seront des contes d'ouverture sur le monde, de tolérance : une œuvre contre le racisme.

A proposta dos autores se desdobra em três livros virtuais dos quais somente dois já estão disponibilizados *on line* desde fins do ano 2000. O webromance, tem como núcleo principal o relacionamento entre Siasie Alaku e Pierre Tremblay e nos coloca em contato numa estrutura em que a *mise en abîme* é recurso recorrente através da história dos contatos nem sempre pacíficos entre os homens vindos do Sul e os ameríndios nativos estabelecidos na região do Nunavik há séculos:

Dans toutes ces histoires d'artefacts qui ont été pris sans notre permission, des erreurs ont été commises de part et d'autres. À chaque fois que deux cultures se rencontrent, la plupart du temps des choses négatives arrivent, c'est normal. Ce qui compte pour nous dans tous ça, c'est de garder nos mœurs et coutumes, notre passé, de garder notre identité d'Inuits, d'en être fier et de ne jamais oublier que nous sommes des Inuits. C'est ce qui a permis à nos ancêtres de survivre dans ce pays et c'est ce qui permettra à nos petits-enfants de demeurer le peuple du froid.

A narrativa coloca constantemente em destaque a luta de ambos os grupos contra as adversidades impostas por uma natureza nem sempre hospitaleira. E mais do que isso, apesar de não ocorrer um mascaramento das hierarquias nas relações entre brancos e inuits, das tensões

oriundas de uma política de opressão gerada pela exploração comercial, a narrativa se quer um libelo da necessidade de uma ajuda mútua entre ambos os grupos frente à natureza, criando laços de amizade e de respeito mútuo, “uma obra contra o racismo e pela humanidade”:

- Au lieu de vous parler de notre premier livre : « Les Aventuriers du froid », je préférerais vous raconter comment on en est arrivé à l'écrire. Pourquoi un Kabloonak comme Pierre Tremblay et une Inuite comme moi se sont un jour intéressés au passé des Inuits et à celui des étrangers qui sont venus dans l'Arctique. Lorsque nous avons débuté les recherches et le travail d'écriture en tant que tel, nous étions tous les deux motivés par un grand respect de l'autre dans sa façon différente d'approcher l'histoire. Nous voulions connaître nos passés respectifs pour mieux comprendre le présent. Nous avons tenté de mettre de côté les clichés péjoratifs basés habituellement sur les différences raciales. Des situations, pas nécessairement faciles de part et d'autre, doivent nous mener à une meilleure compréhension. Notre livre, « Les Aventuriers du froid » est un recueil de trois contes d'ouverture sur le monde, une œuvre contre le racisme. Du moins, c'est ce que nous espérons. Maintenant, nous vous invitons à le lire ! Et bonne lecture ! Taïma.

Observa-se igualmente a preocupação, dentro da narrativa, com o resgate da história dos inuits para os/as novas gerações, numa forma de reativar o esquecimento de décadas de uma identidade cultural que se quer particular. E, num processo de formação do leitor, a apresentação de um glossário ao término de cada página vem procurar contribuir para tal preocupação onde até a ironia encontra seu lugar:

- J'ai déjà entendu quelque part, je ne me rappelle pas exactement à quel endroit. Une femme inuite disait : « Une famille inuite est constituée d'un père, d'une mère, des enfants et d'un anthropologue. »

Após a leitura dos episódios disponíveis nos dois primeiros livros, perguntei-me acerca do alcance de um projeto dessa envergadura. Imediatamente, o webromance chamara minha atenção quanto a inserção desses grupos autóctones na sociedade industrializada canadense e nas imagens que construímos desses grupos e das relações dos índios brasileiros, por exemplo, com a televisão e a tecnologia. Recordo-me particularmente da entrevista concedida pela antropóloga Marta Azevedo à Revista Galileu, número 132, de julho de 2002:

Hoje, no Brasil, todos querem acesso à televisão. O que se pode fazer é dar-lhes esse acesso de modo que ele não destrua o modo de vida deles, e sim o amplie. A TV, a internet, os bens industriais, tudo isso vai chegar. Claro que nós que trabalhamos com educação indígena transmitimos valores. Em Iauaretê (AM), onde trabalho, toda casa tem televisão. Eu assistia ao programa do Ratinho com as famílias e conversava para entender por que gostam daquele programa e não de novelas, por exemplo. Daí começamos a pensar em programas educativos que usem o que os atrai na linguagem de TV. O que temos que fazer é contribuir para que eles possam escolher de maneira consciente o que beneficie o povo deles. Mas impedir que chegue a TV ou até a bebida alcoólica, não temos esse direito.

Em *Les Aventuriers du froid* é interessante perceber que a via de resgate escolhida para a memória coletiva da comunidade inuit tenha sido a literatura. Teria ocorrido uma negociação entre seus autores e a comunidade inuit para que tal ocorresse ou esta narrativa está mais voltada, em seus traços constituintes, para um leitor canadense urbano, que possui um acesso internet de alta qualidade e uma cultura literária, no mínimo, escolar? E, mais ainda, para qualquer leitor que surfando pela net esteja interessado em saber um pouco mais sobre os povos das terras boreais? Na verdade, a narrativa não estaria dirigida principalmente para este público? Parti à procura de algumas respostas, entrei em contato com os autores do projeto *Les Aventuriers du froid*, mas não obtive qualquer resposta até o momento que me permitisse avançar na percepção do texto literário como instrumento efetivo contemporâneo de mediação no seio desta comunidade autóctone.

O livro de ouro, espaço em que os leitores virtuais apresentam suas observações sobre a obra, permitiu-me observar que *Les Aventuriers du froid*, e de forma mais ampla, toda a página da Pista Ameríndia foi visitada e construída **em nome das** próprias comunidades autóctones mas que, efetivamente, dirige-se a um público localizado nas grandes cidades do Canadá que desconhecem a realidade de suas fronteiras do norte. Não foi localizada nenhuma referência a qualquer leitura ou visita realizada por um ou mais leitores de origem autóctone.

A personagem de Siasie, com sua origem inuit e sua formação escolar tradicional quebequense, teria razão em escolher a estratégia do livro como solução? Esta personagem traduz a própria inscrição de muitos descendentes inuits dentro do atual panorama sócio-cultural canadense:

Pourquoi un Kabloonak et une Inuite ont écrit ces histoires du passé ? Le processus qui a fait qu'aujourd'hui on a un livre édité. Un livre sur une tranche de l'histoire de l'Arctique écrit par et pour les gens du Nord. Ce livre témoigne de l'histoire de mon peuple et des étrangers qui sont venus dans l'Arctique. Mais le plus important pour les miens, surtout les jeunes qui vont m'écouter demain, c'est comment on s'est pris pour l'écrire. Je veux expliquer comment on s'est influencé l'un et l'autre. Je ne veux pas raconter ces histoires à la radio, je veux plutôt leur donner envie de les lire. Avant tout, pour qu'ils comprennent notre travail, d'où vient notre passion d'écrire, je leur raconterai ton aventure avec les visages de Qajartalik.

A quem se destinaria, portanto, a difusão de *sites* deste gênero e, mais particularmente *Les Aventuriers du froid*? Quando observamos, na descoberta e análise de diferentes *sites*, que a real voz dos grupos autóctones é frequentemente resultado da apropriação de terceiros, pode-se constatar que a inserção dessas comunidades numa nova configuração cultural, de abrangência transnacional, ainda não tem ocorrido de forma efetiva. Trata-se tão somente de um resgate de suas inscrições culturais que efetuamos. Não seria o caso de passarmos a realmente ceder as condições para que essas comunidades tenham acesso à tecnologia e que elas próprias participem efetivamente do resgate que operamos em seu nome? Neste sentido, o presente texto passaria a dialogar efetivamente com outras vozes e minha leitura do outro seria realmente um convite a conversar com ele e comigo mesmo.

Como aludido acima, ler a América dita do Norte, e no nosso caso aquela que se situa nas fronteiras do norte é também ler a América, toda a América. Na verdade, o que se ainda se lê e identifica é a representação que fazemos de uma tensão nascida da percepção de todo o silenciamento de grupos que nunca se fizeram presentes de forma digna na história oficial dos heróis desbravadores da América, como o webromance anuncia. Há uma apropriação em nome desses

grupos, fala-se por eles e, mais uma vez, eles são alijados do diálogo com os processos culturais globais. *Les Aventuriers du froid* seriam efetivamente uma das traduções desta voz silenciada ou tão somente um projeto de leitura desses grupos? Esta questão torna-se ainda mais importante quando observamos que o processo de construção identitária quebequense não evidenciou, durante muito tempo, suas relações com os grupos autóctones.

Dedico este texto a Mário Juruna, homem das terras brasileiras, outrora ditas selvagens, mas que, acima de tudo, com seu gravador em punho, foi um grande exemplo de utilização das possibilidades que a tecnologia pode oferecer, mesmo com todo o domínio econômico que ela implica. Ele nos mostrou que existe um grande potencial ainda a ser descoberto pela utilização das mesmas armas da sociedade tecnológica, opressora e silenciadora, no cenário da luta em se fazer ouvir as vozes daqueles que têm sido tratados como minoria tutelada por um Estado incapaz de reconhecer seu pleno direito à cidadania. Pois, se nós todos estivéssemos de gravador em punho, o cotidiano gritar de promessas futuras passaria a ser um presente de realizações concretas.